

**UTOPIA BRASIL: O POVO BRASILEIRO, ENTRE JOÃO ANTÔNIO E  
DARCY RIBEIRO**

Júlio Cezar Bastoni da Silva (UFSCar)<sup>1</sup>

**RESUMO:** João Antônio (1937-1996), contista e jornalista paulistano, e Darcy Ribeiro (1922-1997), antropólogo, professor e político mineiro, possuem vastas semelhanças em suas obras, no que tange a um diagnóstico e a uma imagem do Brasil. Ambos partem de uma visão calcada no nacional-popular de meados do século XX, e se ligam a uma série de intelectuais que tiveram por foco pensar o país a partir de uma perspectiva voltada para as classes pauperizadas. O *povo brasileiro* emerge, portanto, como ponto de fuga da obra de ambos, simultaneamente protagonista e objeto de reflexão ou representação. Os diferentes campos de atuação, assim, não apagam as semelhanças entre ambos, em seus projetos literário ou científico, nos quais avultam o engajamento para a resolução dos graves problemas sociais brasileiros e a *utopia* de um Brasil autônomo, democrático e socialmente justo. Este trabalho pretende, a partir de um enfoque comparativo, apresentar possíveis aproximações entre o programa literário de João Antônio e o ensaio social de Darcy Ribeiro – em especial, *O povo brasileiro* (1995) –, tendo como escopo, principalmente, as suas relações intelectuais e suas afinidades na reflexão sobre a questão popular brasileira.

**Palavras-chave:** João Antônio. Darcy Ribeiro. Literatura e ciências sociais. Nacional-popular.

Em 1975, Darcy Ribeiro, de retorno do exílio que enfrentara por ocorrência do golpe militar de 1964, cederia uma entrevista ao jornalista e escritor João Antônio, publicada inicialmente no jornal *Panorama*, de Londrina, norte do Paraná, e republicado no periódico *Ex-*, importante órgão da imprensa alternativa durante a ditadura militar. Trata-se de uma entrevista atípica, no modelo prezado por João Antônio e pela escola que o formou no jornalismo: constitui, na verdade, uma reportagem ou um perfil narrativo do ex-ministro de Estado do governo João Goulart, então convalescente de uma cirurgia para retirar um câncer de pulmão. Nela, o repórter apenas revela o nome do personagem ao final do texto, depois de uma longa caracterização que enfatiza a

---

<sup>1</sup> Pesquisa de pós-doutorado registrada sob o processo nº 2014/22950-3, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), em convênio com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do autor e não necessariamente refletem a visão da FAPESP e da CAPES.

dimensão humana do político cassado pela subtração de seus direitos eleitorais, bem como a exemplaridade de sua situação frente ao contexto do momento. Darcy Ribeiro aparece, por meio da voz do narrador-repórter, como um cidadão brasileiro num momento em que o retorno dos direitos de cidadania parecia ainda distante, ofuscada pela vigilância militar que não permitia entrever o retorno da democracia. João Antônio, narrador-repórter, é também neste texto narrador-personagem, dividido entre a simpatia pelo retratado e o interesse quase missionário frente ao país e seu povo, crença compartilhada com seu personagem.

“Olá, professor, há quanto tempo!”, título da matéria publicada no número 15 de *Ex-* e que seria indicada pelo jornal ao Prêmio Esso de Jornalismo do ano de 1975 (ANTÔNIO, 1975a, p. 32-33),<sup>2</sup> talvez seja um dos únicos registros públicos da relação entre João Antônio e Darcy Ribeiro. De qualquer modo, a afinidade entre o escritor-jornalista e o antropólogo, político e também ficcionista Darcy, salta aos olhos. Há, na obra de ambos, uma mesma postura ética frente à questão nacional, atitude que rememora o “sentimento de missão” figurado por Antonio Candido (2007, p. 28) relativamente aos intelectuais românticos brasileiros. De fato, o *projeto nacional* foi uma linha de força do pensamento social e da literatura brasileira durante longa data, e tanto Darcy quanto João Antônio foram dele representantes que poderiam facilmente ser arrolados junto a outros da mesma tradição. É certo que ambos pertencem a distintos campos de atuação – embora haja pontos de contato, como a produção ficcional, que ambos realizaram – mas é possível afirmar que, em linhas gerais, apresentam concepções e posturas éticas semelhantes em relação à visão que compõem sobre a sociedade brasileira. Na interpretação do país de um, fundada não apenas na ciência mas também na prática política, bem como na representação do Brasil de outro, calcada tanto na ficção quanto em um jornalismo militante, de interesse social, há aproximações possíveis, que sugerem uma posição idêntica frente à compreensão da nação e seus horizontes.

Tanto em João Antônio quanto em Darcy Ribeiro, o conceito fundamental por meio do qual se articulam suas obras é a noção de *povo*, e de *povo brasileiro*. Uma das últimas obras de Darcy Ribeiro, que fecha o seu ciclo dos *Estudos de antropologia da civilização*, iniciado com *O processo civilizatório*, publicado originalmente em 1968, é justamente *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*, de 1995. Tendo ainda

---

<sup>2</sup> O texto, levemente modificado, seria publicado na abertura de uma coletânea de textos jornalísticos de João Antônio, *Casa de loucos*, na seção intitulada “Protesto” (1976, p. 3-12).

passado por estudos sobre a América Latina, os indígenas e uma teoria geral da sociedade brasileira, Darcy Ribeiro revela um projeto ambicioso de compreensão da evolução da civilização mundial que desemboca na situação do Brasil e dos brasileiros ao longo do processo histórico: “[a] necessidade de uma teoria do Brasil, que nos situasse na história humana, me levou à ousadia de propor toda uma teoria da história” (RIBEIRO, 2006, p. 13). *O povo brasileiro*, desse modo, é um livro de interpretação do país, nos moldes dos clássicos ensaios do século XX, como *Casa-grande & senzala* (1933), *Raízes do Brasil* (1936), *Formação do Brasil contemporâneo* (1942), entre outros; Antonio Candido chega a afirmar que é uma obra que sumariza todas as anteriores contribuições relativas à interpretação global do Brasil, abrangendo-as em um projeto único.<sup>3</sup> Além disso, é saliente seu feitiço combativo, que se assemelha a um libelo, não obstante histórica e sociologicamente orientado. Responder a pergunta, sempre repetida em suas obras, “[...] por que o Brasil ainda não deu certo?” (2006, p. 13), constitui a orientação da obra, que vai buscar nos séculos de opressão colonial e na resiliente desigualdade brasileira, sustentada na espoliação das massas trabalhadoras, a base para sua solução. O Brasil, para Darcy Ribeiro, apresenta-se como um projeto de nação incompleto, mas não inviável, a despeito das várias tentativas abortadas ao longo de sua história. É central, portanto, para a compreensão da obra de Darcy Ribeiro, o pano de fundo histórico dos governos ditos *populistas*, experiência política cortada pelo golpe de 1964: Darcy permanece, em teoria e prática, tendo como horizonte uma construção nacional emancipatória, autônoma, um projeto de nação que vise tornar o Brasil não apenas um país decente, mas também transformá-lo em uma experiência social que congregue as diferenças sociais em torno de uma vivência democrática e economicamente igualitária, uma “nova Roma” (2006, p. 411), como costuma afirmar.

A feição geral da produção de João Antônio, por sua vez, é a de uma obra fortemente marcada pela presença das classes populares, simultaneamente objeto e fonte da emulação prezada pelo foco ou voz do narrador. O projeto literário de João Antônio, apresentado, em linhas gerais, no ensaio “Corpo-a-corpo com a vida”, compõe uma

---

<sup>3</sup> A referência a *O povo brasileiro* encontra-se em texto de Antonio Candido no qual indica “dez livros para conhecer o Brasil”, publicado originalmente na revista *Teoria e debate*. A passagem sobre o livro de Darcy Ribeiro é bastante significativa de sua singularidade: “Entre parênteses: desobedeço o limite de dez obras que me foi proposto para incluir de contrabando mais uma, porque acho indispensável uma introdução geral, que não se concentre em nenhum dos tópicos enumerados acima, mas abranja em síntese todos eles, ou quase. E como introdução geral não vejo nenhum melhor do que *O povo brasileiro*, de Darcy Ribeiro, livro trepidante, cheio de ideias originais, que esclarece num estilo movimentado e atraente o objetivo expresso no subtítulo: ‘A formação e o sentido do Brasil’” (CANDIDO, 2013).

*radiografia* do cotidiano brasileiro em suas camadas subalternas, com o foco voltado para o relato e a compreensão de suas diferentes práticas sociais, culturais ou econômicas. A representação do elemento popular, assim, volta-se a uma *faixa de vida* específica, normalmente distante das camadas médias e, sobretudo, das elites. A concepção de forma, para João Antônio, daria vazão a uma perspectiva popular, centrada na representação simultaneamente interna e externa do povo brasileiro, isto é, como objeto da narrativa e pretensa posição do narrador:

O de que carecemos, em essência, é o levantamento de realidades brasileiras, vistas de dentro para fora. Necessidade de que assumamos o compromisso com o fato de escrever sem nos distanciarmos do povo e da terra. O que é diferente de publicar livros, e muito. Daí saltarem dois flagrantes vergonhosos – o nosso distanciamento de uma literatura que reflita a vida brasileira, o futebol, a umbanda, a vida operária e fabril, o êxodo rural, a habitação, a saúde, a vida policial, aquela faixa toda a que talvez se possa chamar radiografias brasileiras. E é devido a tal carência que, de um lado, não temos conteúdo, e de outro, nem temos forma brasileira. Pois que, a forma, resulta de uma posição intelectualizada e fornece uma falsa estética, importada, empostada, mal adquirida, sujeita a todas as ondas e sempre mal digerida (ANTÔNIO, 1975b, p. 143-144).

Como se vê, “Corpo-a-corpo com a vida” propõe uma literatura voltada à caracterização de certa imagem do que se poderia chamar de brasilidade ou nacionalidade, em especial no que tange a formas de compreender ou representar o fenômeno por meio de sua diversidade e particularidade culturais. Deste modo, o projeto de João Antônio pode ser caracterizado como um painel da vida brasileira de seu período, a segunda metade do século XX, que faz referência direta, no entanto, a uma tradição literária local de longo termo, cujas raízes fincam-se no interesse por ela sempre manifestado pela participação no *projeto nacional*. É, portanto, como em Darcy, uma solução de compromisso entre a prática intelectual e a prática política, uma concepção de país e uma postura ética. Produzir uma literatura a partir de um pacto de proximidade com “o povo e a terra”, assim, é fator que aproxima João Antônio de toda uma tradição literária que o precedeu, cujas raízes podem ser encontradas desde o romantismo de um José de Alencar, bem como flagradas nos diversos regionalismos e na produção de um modernista como Mário de Andrade. Além disso, trata-se de uma experiência intelectual que não se prende apenas à literatura, mas também ao pensamento social; é, nesse sentido, um elo que liga João Antônio a Darcy Ribeiro, e

este a diversos “explicadores” do Brasil, notadamente a Gilberto Freyre.<sup>4</sup> A vinculação do pensamento brasileiro à questão nacional é ponto nodal que ata a literatura aos ensaios de interpretação do Brasil, experiências intelectuais fortemente vincadas pelo *sentimento de missão* frente ao país.

O que unifica, portanto, a relação que João Antônio e Darcy Ribeiro estabelecem, em seus projetos pessoais, com a questão brasileira, é uma espécie de *notação popular*. De um lado, horizonte analítico da pesquisa científica e, de outro, perspectiva e foco adotado pelo autor-narrador, o que ambos qualificam como *povo brasileiro*, isto é, as camadas populares, pauperizadas, constituem a base para suas produções. Se para Darcy Ribeiro a experiência fundada no ciclo “populista” da política brasileira marca fortemente sua obra, em João Antônio é visível certa filiação à arte nacional-popular que marcou a cultura do mesmo período histórico (RIDENTI, 2010; 2014). A caracterização valorativa, de teor romântico, das classes populares, é, portanto, comum em ambos os autores. Trata-se, em suma, de uma perspectiva que visa unificar as diferenças internas e objetivas que vincam as camadas populares, socialmente e culturalmente, em nome de uma representação una do caráter nacional, nelas baseado, e de um projeto de nação que teria como alvo a transformação do país, ou a conclusão de sua *formação* em uma sociedade substantivamente democrática. A leitura é, portanto, de classe, ligada a uma postura nacionalista de esquerda, algo comum a parte da intelectualidade brasileira e latino-americana, especialmente em meados do século passado.

A imagem central do país em ambos os autores é a de uma sociedade fortemente vincada entre uma pequena elite, ligada a seu sócio-maior estrangeiro e portanto antinacional, e o povo, invariável e historicamente espoliado. A obra contística de João Antônio, nesse sentido, elege como foco as classes trabalhadoras e o pobre à margem da economia formal, marcando em especial a experiência urbana de um país em forte transição demográfica do campo para a cidade, ela própria fixada na forma dos contos. Se em *Malagueta, Perus e Bacanaço*, primeira coletânea do autor, publicada em 1963, a experiência urbana era ainda marcada por um deambular do narrador-protagonista ou de seus personagens – em contos como “Busca” e o conto-título –, posteriormente, a partir de seus livros publicados na década de 1970, como *Leão-de-chácara*, a marginalidade ou os “pingentes” (1975b, p. 24-29) da grande cidade terão maior ênfase, numa espécie

---

<sup>4</sup> Sobre *Casa-grande & senzala*, afirma Darcy ser “[...] a obra mais importante da cultura brasileira” (RIBEIRO, 1986, p. 110).

de luta renhida entre o espaço adverso e a sobrevivência do indivíduo pobre. Trata-se, assim, de uma literatura – englobando também sua produção crônica e a reportagem jornalística – que persegue os desvãos da sociedade brasileira pós-‘milagre’ econômico, distantes das estatísticas oficiais:

Mais do que pobres, os passageiros da Central do Brasil parecem não apenas pingentes nos trens, mas pingentes da cidade, uma espécie, em quantidade e qualidade, de sobreviventes urbanos, sempre pendurados na cidade e nunca fixos, estabilizados ou tranquilos. E fora dessa situação marginalizada, o suburbano é o homem que faz parte daquele mundo chamado Rio Abandonado, ou seja o Rio Tristeza, a Zona Norte (1975b, p. 25).

Esse procedimento propõe uma relação quase antropológica com a experiência urbana das classes marginalizadas, no sentido de um “estranhamento” (VELHO, 2007, p. 13) frente ao familiar desta experiência, compartilhada pelo autor-narrador ou pelo repórter, interessado nesta faixa social. Isso seria uma espécie de método para driblar as conveniências ideológicas e o senso comum embalado pela mídia de massas do momento, ligada ao poder censório ou a ele conivente – deve-se lembrar, nesse sentido, o papel de destaque que João Antônio exerceu na imprensa alternativa da década de 1970, também período de auge de sua produção literária, em periódicos como *Movimento*, *Ex-*, *Versus*, *O Pasquim*, entre outros.<sup>5</sup> Ademais ser um procedimento próprio da literatura, de maneira geral, “o problema da representação da alteridade” continua vigente, em especial se lembrarmos que o Brasil permanece um país de desigualdade abissal, com grandes distâncias entre as classes sociais (BUENO, 2014, p. 117).

Nos ensaios de Darcy Ribeiro, o ponto de fuga também se coloca na situação do *povo*. Como João Antônio, que considera a formação social e cultural brasileira uma herança, em suas palavras, “lusó-afro-tupiniquim” (1975b, p. 146), Darcy Ribeiro pensa, como boa parte do pensamento social precedente, a sociedade nacional como uma confluência de fatores distintos, forjados na colonização portuguesa, não apenas em contato mas também fundada na opressão de africanos e indígenas. Afirma o antropólogo, em prefácio a *O povo brasileiro*:

---

<sup>5</sup> João Antônio, sobre a imprensa alternativa, ou *nanica*, em contraste com os jornais de maior porte: “Enquanto a grande imprensa, bem omissa e comportada, dona da verdade e Joana das Regras – como atualmente a chamaria o senhor pingente Afonso Henriques de Lima Barreto – vai comendo o doce e morno pão dos omissos e nem pergunta de onde lhe vem tanto pão, a verdade é que os *nanicos*, também chamados *marginais*, vão mandando bala, levantando as melhores pistas e, principalmente, usando um poder que o jornalismo realmente deve ter quando conduzido à condição de imprensa – indagar, questionar, duvidar, abrir para o diálogo e para o debate” (ANTÔNIO, 1975c p. 9).

O Brasil e os brasileiros, sua gestação como povo, é o que trataremos de reconstituir e compreender nos capítulos seguintes. Surgimos da confluência, do entrecchoque e do caldeamento do invasor português com índios silvícolas e campineiros e com negros africanos, uns e outros aliciados como escravos.

Nessa confluência, que se dá sob regência dos portugueses, matrizes raciais díspares, tradições culturais distintas, formações sociais defasadas se enfrentam e se fundem para dar lugar a um *povo novo*, um novo modelo de estruturação societária (RIBEIRO, 2006, p. 17, grifo do autor).

O resultado de tal empreendimento, portanto, resultaria na formação de um *povo novo* no qual, à parte as inegáveis diversidades, existiria notável “uniformidade cultural”, o que seria fator de constituição de uma “unidade nacional” (2006, p. 20). No entanto, tal matriz societária, criada por meio de uma empresa colonial, seria responsável por uma desigualdade que se estenderia mesmo ao período pós-independência, que oporia “[...] uma estreitíssima camada privilegiada ao grosso da população, fazendo as distâncias sociais mais intransponíveis que as diferenças raciais” (2006, p. 20). Essa estratificação social, assim, defrontaria uma pequena camada dominante e intermediária, ligadas ao domínio ou gerência dos meios de produção e das finanças, bem como ao comércio e à burocracia pública, ao que Darcy Ribeiro chama de *classes subalternas* – uma “classe média” precária e provisoriamente empregada – e, sobretudo, à imensa camada *marginal*, formada nas franjas da economia (2006, p. 192-193), as *classes oprimidas*. Essa camada marginal seria, segundo Darcy, “[...] tipologicamente [equivalente] à escravaria colonial”, uma população, transfigurada após a Abolição em segmento social apenas “virtualmente proletarizável” (RIBEIRO, 1978, p. 91); e, em oposição às outras ligadas de uma forma ou outra ao funcionamento da ordem econômica, apenas integrável pela ruptura do sistema – uma franja ou uma margem do funcionamento produtivo, portanto, não obstante englobando grande ou maior parte das classes populares.

Nesse sentido, pode-se perceber, em Darcy Ribeiro como em João Antônio, a importância da base da pirâmide social brasileira para a definição do que consideram ser o *povo brasileiro*. Trata-se de uma tentativa de foco nas camadas populares para a representação ou a interpretação do país, na qual o elemento *marginal*, isto é, o que sobrevive em precária ligação com o sistema econômico, o indivíduo de uma espécie de “população sobrança” (VASCONCELLOS, 2015, p. 132), toma a frente como motivo maior da investida intelectual. Não por acaso, Darcy Ribeiro é lido por um de seus intérpretes como um pretense “[...] intelectual orgânico do povo” (VASCONCELLOS,

2015, p. 138), embora reconheça os limites do intelectual para a organização dessa camada social. João Antônio, por sua vez, teve sua trajetória marcada pela adesão ao mundo dos marginalizados, como assunto e almejada perspectiva. Em breve resenha veiculada no periódico *Opinião* quando da publicação de *Leão-de-chácara*, em 1975 – período que representou o auge do reconhecimento de João Antônio pelo público –, João Gilberto Noll assinala a “simpatia pelos meandros dos marginalizados” e pelo “submundo urbano” (1975, p. 21), avaliação que seria comum na recepção crítica e que caracterizaria o perfil do autor. Porém, desde *Malagueta, Perus e Bacanaço*, passando por contos de *Leão-de-chácara*, como “Três cunhadas – Natal 1960”, entre outros, não raro o narrador ou o protagonista pertencem à baixa classe média urbana, às quais Darcy Ribeiro chamaria de *classes subalternas*. A verdade é que João Antônio tem como ponto de fuga de sua obra pensar e representar o *povo brasileiro*, em especial as camadas pauperizadas das grandes cidades, num país que contraditoriamente se urbanizaria na esteira do chamado “milagre” econômico. A ênfase na marginalidade advém da magnitude objetiva desta camada, que passa a ser uma espécie de sinédoque da sociedade brasileira; João Antônio, como Darcy Ribeiro, reconhece em sua prática literária a dimensão da desigualdade e da exclusão sociais brasileiras, e enxerga nestas camadas a possibilidade mais adequada à representação do povo. O conceito de *marginal*, portanto, merece, para João Antônio, uma espécie de reconfiguração, dado que a maior parte da sociedade brasileira aproxima-se desta condição, seja precariamente integrada ao mercado de trabalho e aos direitos de cidadania, ou vivendo às franjas da economia. Sobre esta particularidade e seu perfil de escritor, afirma o autor em entrevista de 1987:

Não me sinto portador do homem marginal, mas tenho personagens que vivem à marginalidade. *Como o volume deles é grande, acabam sendo porta-vozes do povo brasileiro*. Para começar, favelado não é marginal, no sentido que se costuma dar à palavra. É trabalhador e sobrevivente urbano, despreparado, sofrido, sem oportunidade (JOÃO ANTÔNIO – NEM HERÓIS, NEM VILÕES: APENAS O POVO BRASILEIRO, 1987, p. 19-20, grifo nosso).

Ao notarem a prevalência da camada marginal sobre o conjunto da sociedade brasileira, Darcy Ribeiro e João Antônio desenham a imagem de um país desigual, de construção incompleta, no qual a resolução de suas estruturas socioeconômicas e políticas se fazem prementes. Aqui, a formação nacionalista ou nacional-popular de ambos os autores é visível, tanto no diagnóstico quanto na projeção para os destinos do



país. O povo brasileiro, autêntico guardião de uma nova sociabilidade e de um futuro democrático em potência, na visão de ambos, vê-se tolhido pela desigualdade e pelo boicote ao próprio povo por parte das elites, camada diminuta da sociedade, retratada como antinacional e ciosa de sua posição oligárquica. É notável, nesse sentido, a semelhança de suas avaliações:

Herdamos (...) uma província prodigiosamente bela e fértil. Nela cresceu um povo com imensa vontade de felicidade e capacidade de alegria. Não precisamos de nenhum capital estrangeiro, de nenhuma técnica de fora para organizar nossa vida de forma a fazer o Brasil florescer como uma civilização criativa e como uma sociedade solidária. O único empecilho é a nossa classe dirigente, medíocre e mesquinha (RIBEIRO, 2008, p. 36).

O povo é artístico, criativo, múltiplo e se o país não funciona é porque a classe dominante é mesquinha, arquiatriasada, vive no tempo dos coronéis e das Capitanias Hereditárias (ANTÔNIO *apud* MUSILLI, 1990, s. p.).

Nos dois autores, portanto, há identidade na representação ou na análise da sociedade brasileira, desde a compreensão do perfil de suas camadas sociais até a projeção de um horizonte potencial de um país justo. Do mesmo modo, em suas obras, o *povo brasileiro* aparece não apenas como categoria analítica ou assunto narrado, mas como base de seus projetos, sejam eles literários ou científicos. Pode-se dizer, nesse sentido, que ambos foram dos últimos representantes de uma utopia brasileira cuja matriz está na cultura nacional-popular de meados do século XX – apesar de historicamente presente desde os oitocentos. Trata-se da possibilidade de pensar a emancipação econômica e política do país, tendo por base a integração plena das camadas ora marginalizadas à vida cidadã, o que demandaria romper com as estruturas oligárquicas brasileiras, mantenedoras da desigualdade. Morto João Antônio em 1996, e Darcy Ribeiro em 1997, tornou-se possível notar a coincidência do desaparecimento de ambos com o abandono de um projeto de país gestado nos anos 1950 e 1960, cujas dificuldades de concretização foram postas pelas novas configurações do mundo contemporâneo; como afirma Ligia Chiappini, a morte de personagens como João Antônio e Darcy Ribeiro soam como “(...) a morte mesma de um certo Brasil, ainda fortemente marcado pelo ideário da década de 60” (CHIAPPINI, 2000, p. 10). Cabe refletir, no entanto, o que fica de suas obras neste século XXI, em especial porque muitos dos problemas postos por ambos continuam sem resolução. Além disso, deve-se pensar o que significaria neste momento o ocaso da importância de intelectuais e escritores dedicados a pensar, de maneira global, o Brasil, com a perspectiva de um

projeto de construção nacional. Os novos tempos podem demandar formulações diversas das oferecidas por Darcy Ribeiro e João Antônio, mas sempre são necessários papéis como os que ambos exerceram, de modo a compreender plenamente os fracassos, as conquistas e as mudanças do país.

### Referências

ANTÔNIO, João. Olá, professor, há quanto tempo!. *Ex-*, São Paulo, n. 15, out. 1975a. p. 32-33.

\_\_\_\_\_. *Malhação do Judas carioca*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975b.

\_\_\_\_\_. Aviso aos nanicos. *O Pasquim*, Rio de Janeiro, n. 318, 1-7 ago. 1975c. p. 9.

\_\_\_\_\_. *Casa de loucos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

\_\_\_\_\_. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2007.

BUENO, Luís. O intelectual e o turista: regionalismo e alteridade na tradição literária brasileira. In: ANTUNES, Benedito; FERREIRA, Sandra (Orgs.). *50 anos depois: Estudos literários no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Editora UNESP, 2014.

CANDIDO, Antonio. Antonio Candido indica 10 livros para conhecer o Brasil. Disponível em: <<http://blogdaboitempo.com.br/2013/05/17/antonio-candido-indica-10-livros-para-conhecer-o-brasil/>>. Acesso em: 01/08/2013.

CHIAPPINI, Ligia. Apresentação – Proibido sonhar ou passado, presente e futuro: para quem?. In: CHIAPPINI, Ligia; DIMAS, Antonio; ZILLY, Berthold (Orgs.). *Brasil, país do passado?* São Paulo: Boitempo; EdUSP, 2000. p. 9-24.

JOÃO ANTÔNIO – NEM HERÓIS, NEM VILÕES: APENAS O POVO BRASILEIRO. *Cooperhodia em revista*, Santo André, mai.-jun. 1987, n. 85, p. 19-20.

MUSILLI, Célia. João Antônio reencontra a cidade-personagem. *Folha de Londrina*, Londrina, Caderno 2, 9 dez. 1990.

NOLL, João Gilberto. Do zero ao infinito da miséria. *Opinião*, Rio de Janeiro, n. 147, 29 ago. 1975. Livros, p. 21-22.

RIBEIRO, Darcy. *Sobre o óbvio*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

\_\_\_\_\_. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. *Utopia Brasil*. Organização de Isa Grinspum Ferraz. São Paulo: Hedra, 2008.

RIDENTI, Marcelo. *Brasilidade revolucionária: um século de cultura e política*. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

\_\_\_\_\_. *Em busca do povo brasileiro: artistas da revolução, do CPC à era da TV*. [2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2014.

VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. *Darcy Ribeiro: a razão iracunda*. Florianópolis: Editora UFSC, 2015.

VELHO, Gilberto. MetrÓpole, cultura e conflito. In: VELHO, Gilberto (Org.). *Rio de Janeiro: cultura, política e conflito*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. p. 9-29.